



DA FUNÇÃO SOCIAL DO ARQUITETO

*Colóquio, Exposição e
assinatura do Contrato de Doação*

- 14:30 Colóquio** com
*Gonçalo Canto Moniz, Nelson Mota,
Domingos Tavares e Nuno Miguel Costa*
- 18:00 Assinatura do Contrato de Doação
do Acervo do Arquiteto Lixa Filgueiras
à Fundação Marques da Silva.**
*Com Maria de Fátima Marinho, Carlos Filgueiras,
Margarida Coelho e Armando Coelho Ferreira da Silva*
- 19:00 Inauguração da exposição**
"Octávio Lixa Filgueiras: o Habitat da Modernidade"

Entrada livre, sujeita à lotação do espaço.

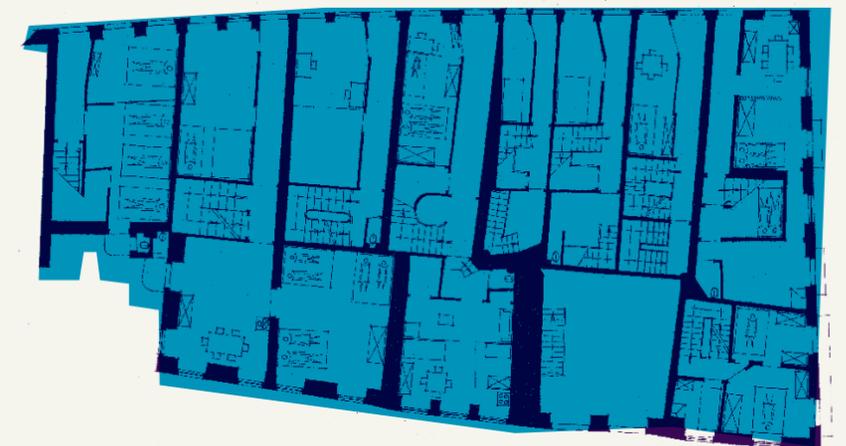
Organização

FUNDAÇÃO
**MARQUES
DASILVA**

Apoios



OCTAVIO LIXA FILGUEIRAS



DA FUNÇÃO SOCIAL DO ARQUITETO

*Colóquio, Exposição e
assinatura do Contrato de Doação*

COMISSÁRIOS

Gonçalo Canto Moniz e Nelson Mota

18 DE ABRIL

Dia Internacional dos Monumentos e Sítios

Casa-Atelier José Marques da Silva

FUNDAÇÃO
**MARQUES
DASILVA**

OCTÁVIO LIXA FILGUEIRAS



Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996) foi um dos primeiros arquitetos portugueses a explorar ligações entre a Arquitetura e as Ciências Sociais. Para além de arquiteto, Lixa Filgueiras foi também etnógrafo e arqueólogo. Formou-se na Escola de Belas Artes do Porto (ESBAP) em 1953, onde foi aluno de Carlos Ramos e colega, entre outros, de Fernando Távora, Fernando Lanhas, João Andresen ou José Carlos Loureiro. Na sua tese de licenciatura (CODA) Lixa Filgueiras apresentou uma inovadora abordagem teórico-prática à questão do mundo rural como um tema central para o urbanismo moderno. Filgueiras foi membro da Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) e participou nas reuniões preparatórias do grupo CIAM Porto. É neste contexto que retoma a investigação do CODA para escrever sobre o Habitat, procurando dar o seu contributo para a elaboração em 1953 da Charte de

l'Habitat (A Carta do Habitat), o documento que os membros do CIAM Internacional ambicionavam criar para complementar a famosa Charte d'Athènes de l'Urbanisme (Carta de Atenas do Urbanismo). As reflexões de Filgueiras sobre a Carta do Habitat exploram a dimensão humanista e social da Arquitetura. Esta dimensão viria a ser notória na sua participação no Inquérito à Arquitectura Popular desenvolvido entre 1955 e 1961. O trabalho de campo realizado pela equipa do Inquérito coordenada por Lixa Filgueiras na região de Trás-os-Montes e Alto Douro viria a ser essencial para o trabalho enviado pelo grupo CIAM PORTO para o CIAM 10 que se realizou em Dubrovnik em 1956. Foi igualmente um elemento central na sua atividade como docente da ESBAP, onde começou a sua carreira como professor em 1962. Entre 1960 e 1970, escreve o seu texto mais relevante, "Da Função Social do

Arquiteto." Durante essa década promove também, na sua disciplina de Arquitectura Analítica, um método pedagógico inovador, os Inquéritos Urbanos. O seu interesse pelas pessoas, pelo seu habitat, pelos seus costumes e tradições leva-o também à Arquitetura Naval tradicional e erudita, tornando-se um dos principais estudiosos. O seu espólio reflete o valioso contributo que Lixa Filgueiras representa para a cultura portuguesa em geral, e para a Arquitetura em particular. Nos múltiplos papéis que desempenhou, o contributo intelectual de Filgueiras foi sempre orientado por uma profunda ética humanista que o coloca como um personagem essencial para as políticas de preservação do património cultural Português. Com a integração do seu espólio no acervo da Fundação Marques da Silva, a produção intelectual de Filgueiras junta-se nesta instituição à de outros arquitetos do Porto que,

como ele, contribuíram decisivamente para a criação e para a preservação do património arquitetónico em Portugal.

A assinatura do contrato de doação do acervo de Octávio Lixa Filgueiras à Fundação Marques da Silva, proporciona a oportunidade para a realização de um colóquio e de uma exposição onde se procura refletir sobre a forma como a ideia de Habitat está presente nos seus textos, nos seus desenhos, nas suas fotografias, nos seus livros e também na sua Arquitetura, debatendo o contributo de Lixa Filgueiras para a consolidação de uma abordagem humanista na construção e preservação do património cultural.

Gonçalo Canto Moniz
e Nelson Mota

"... abordar-se-ão problemas que se levantam ao arquitecto, antes de ter de enfrentar a sua nobre tarefa de projectar. Trata-se, na verdade, da referência a uma acção ordenadora do sector programático, acção para a qual o arquitecto, normalmente é obrigado a encaminhar os seus passos. Mas neste caso, essa escolha de um caminho, corresponde, antes de mais, ao próprio enunciado de princípios gerais, à definição de uma atitude, de todo não indiferente. Tal como a Carta de Atenas, a Carta do Habitat virá a constituir uma espécie de Declaração dos Direitos de Homem (ou deveres) no domínio especial do meio de vivência. E a premência duma tal acção é tanto maior, quanto, um pouco por toda a parte, as iniciativas tendentes a substituir os bairros sórdidos e as casas de lata correspondem mais a uma substituição de roupa velha por roupa limpa, mantendo os corpos sujos, do que a uma

integração desses mesmos corpos sujos nos quadros duma vida decente, único processo conhecido de deixarem a sujeira. Existe uma grande preocupação em definir condições mínimas, em matéria de áreas, cubagens, equipamento, etc.; procura-se a sistematização e a racionalização de técnicas constructivas cada vez mais eficientes e baratas. Mas a grande palavra tem de ser dada através dum instrumento orgânico, subordinado a uma intenção superior, necessariamente não demagógica, necessariamente consciente e responsável. Trata-se de questões de sobrevivência e nada mais..."

Octávio Lixa Filgueiras,
Na Génesis da Carta do Habitat, 1960.